TRADIÇÃO E MUDANÇAS NO MODO DE HABITAR AS VÁRZEAS DOS RIOS SOLIMÕES E JAPURÁ, AM

Edna F. **Alencar**[1]
Isabel Soares de **Sousa**[2]

Introdução

As populações que habitam as áreas de várzea da região do curso médio do rio Solimões [3] desenvolveram saberes e práticas que fazem parte de um longo processo de experimentação e de interação com esse tipo de ambiente. Estes saberes estão presentes nas praticas de construção de casas e de cultivos de roças, e nas estratégias adotadas para responder à dinâmica ambiental. Porém, nos últimos anos, como reflexo das alterações climáticas e de eventos como *El Niño*, o calendário dessa sazonalidade tem sofrido modificações como a ocorrência de grandes cheias com frequência cada vez maior, ou de secas rigorosas e prolongadas.

Este artigo busca destacar as mudanças que estão ocorrendo nos modos de habitar as áreas de várzeas da Amazônia, tomando como exemplo os tipos de construção de casas, que expressam uma maneira de habitar esse ambiente, utilizados por moradores de comunidades situadas nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã [4]. O objetivo é evidenciar as novas habilidades e técnicas, ou seja, as novas práticas que estão sendo desenvolvidas como resposta às (i) mudanças que observam na natureza que, em algumas situações, invalidam as práticas e estratégias históricas de interação com os elementos naturais desse ambiente; (ii) que resultam de trocas que realizam com o mundo urbano, moderno, com a introdução de novos materiais de construção, e que está associada a melhorias no poder aquisitivo das

[1] Universidade Federal do Pará, Brasil.
[2] Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Brasil.
[3] O Médio Solimões é uma divisão administrativa do estado do Amazonas, que compreende o trecho do rio que corta os municípios de Tefé, Coari, Tonantins, Fonte Boa, Alvarães, Uarini etc.
[4] São unidades de conservação estadual situadas no estado do Amazonas. A RDS Mamirauá foi criada em 1990 como Estação Ecológica de Mamirauá (Ayres et al. 1992), e em 1996 foi transformada em RDS. Está situada na região do curso médio do rio Solimões, e possui uma área de 1.124.000 hectares que engloba parte dos municípios de Uarini, Fonte Boa e Maraã. A RDS Mamirauá abriga a maior área protegida de florestas inundadas do Brasil onde predomina o ecossistema de várzea. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã foi criada em 1998. É uma das maiores áreas protegidas situadas em floresta tropical na América do Sul, tem uma área de 2.350.000 hectares, e se localizada na região de influencia do rio Japurá na confluência com o rio Solimões. A Reserva abrange terras dos municípios de Maraã, Barcelos e Coari (IDSM, 2010).

famílias; e (iii) às politicas públicas de construção de habitações na várzea desenvolvidas pelo governo federal através do INCRA.

Nas várzeas das RDS Mamirauá e Amanã as pessoas se apropriam de determinados conhecimentos – que envolve pressupostos, memórias e práticas - sobre as características ecológicas desse ambiente, que lhes permite apresentar respostas eficientes às variações sazonais que ocorrem ao longo do ano, como as cheias e secas dos rios, e a ocorrência da terra caída [5]. O modo de habitar e construir casas expressam conhecimentos e práticas que resultam de um longo processo de experimentações realizadas pelas gerações passadas. Mas esse conhecimento não é algo inerte, como aponta Manuela Carneiro da Cunha, pois "depende de pressupostos e de práticas, e essas duas dimensões do conhecimento não se separam, antes se informam e se enriquecem mutuamente" (Carneiro da Cunha, 2007: 12). A autora chama a atenção para a necessidade de considerar esses pressupostos como sendo "as verdades culturais, aquilo que não se discute quando se é membro de uma sociedade. São, em geral, possibilidades e mecanismos, e não inventários de conhecimentos" (Carneiro da Cunha, 2007: 12). Nesse sentido os pressupostos orientariam as ações dos indivíduos em suas atividades práticas de interação com o ambiente, porém a partir das experiências de cada geração, aos conhecimentos já existentes são acrescentados novos, numa relação dialética.

Estudos recentes no campo da ecologia histórica e da antropologia ecológica enfatizam os processos cognitivos e habilidades práticas presentes no modo como sociedades humanas interagem com seus ambientes, contribuindo para desconstruir a oposição entre sociedade, agente, e natureza como algo a ser usado, dominado (Descola, 1996; Ingold, 2000; Ingold, 2010). Para Ingold nas situações de interação das sociedades humanas com seus ambientes estão presentes o conhecimento adquirido e as habilidades desenvolvidas ao longo de várias gerações (Ingold, 2000). Sua análise se aproxima daquela proposta por Carneiro da Cunha uma vez que considera o conhecimento que as pessoas possuem sobre o ambiente como algo que não é inerte, pois as habilidades são "adquiridas na prática e não em informações que são passadas de geração a geração. Assim, a contribuição de uma geração às suas sucessoras se dá

[5] As fortes correntezas provocam o desmoronamento da terra, e mobilizam dunas de areia no leito dos rios que vão formar praias e, com isso, transformam a paisagem, obrigam as pessoas a realizarem uma mobilidade constante, a construir, desmanchar e reconstruir suas casas, limitam o tempo de duração das casas e dos povoados. Este fenômeno explica, em parte, o padrão de ocupação humana das várzeas que se caracteriza pela baixa densidade populacional (Lima & Alencar, 2000).

fundamentalmente por meio da educação da atenção" (Ingold, 2010: 19). Conhecimento e habilidades são, portanto, colocados em prática por meio de processos cognitivos e esquemas conceituais (Ingold, 2010) no momento em que as pessoas interagem com os elementos naturais ao desenvolver atividades cotidianas visando sua subsistência, ou seja, quando constroem artefatos de trabalho, como os materiais de pesca, por exemplo; quando constroem suas roças ou casas de morada.

Desse debate nos interessa destacar, em primeiro lugar, que moradores das áreas de várzea da região Amazônica acumularam um conhecimento – pressupostos, esquemas conceituais, práticas, habilidades – que lhes permite responder aos desafios que se apresentam nas situações de interações com os elementos naturais desse ambiente. Os novos modelos arquitetônicos de construção de casas são um exemplo desse processo de desenvolvimento de novas habilidades como respostas às mudanças que se apresentam e que, em algumas situações, põe em risco a continuidade de um modo de habitar esse tipo de ambiente. Em segundo lugar, mostrar como o conceito de comportamento ambiental proposto por Ingold (2000), ao discutir o conceito de ambiente como produto das relações de interação das pessoas com os vários elementos que o compõe, e não como algo externo ao organismo, ou ao sujeito que observa, nos ajuda a compreender o modo como essa população responde às mudanças que estão ocorrendo nos ciclos ecológicos da várzea e afetando suas estratégias de interação com os vários seres encontrados nesse ambiente.

Nas comunidades da várzea das RDS Mamirauá e Amanã a construção das casas envolve um conjunto de conhecimentos e práticas que resultam de um processo histórico de aprendizagem, de experimentos e praticas a partir da interação com os elementos naturais encontrados nesse ambiente. Esse conhecimento orienta na escolha do local mais adequado para a construção da casa, geralmente nas terras mais altas; nas técnicas de construção e de carpintaria, com uso de tecnologias simples, com baixo impacto ao ambiente; na escolha dos materiais de construção, de fácil manuseio, que podem ser facilmente repostos e que antes eram restritos aos que estavam disponíveis no ambiente natural, como a madeira para fazer a estrutura principal da casa - os esteios, vigas e caibros, e espécies de palmeiras cujo tronco pode ser utilizado para fazer o assoalho e paredes, e as folhas para fazer a cobertura das casas.

A análise apresentada a seguir procura mostrar como as inovações tecnológicas, as mudanças ambientais e as políticas públicas de habitação para populações residentes em unidades de conservação estão alterando esses modelos tradicionais de construção de casas nas áreas de várzea das RDS Mamirauá e Amanã. Dentre as mudanças destacam-se a substituição de materiais de origem vegetal por outros industrializados - pregos, parafusos, lâminas de PVC usadas na construção de paredes e de forros; o uso de telhas de Brasilit [6], de zinco galvanizado ou de alumínio; uso de tijolos de concreto e divisões internas das casas com espaços individualizados; e por fim, a construção de casas flutuantes. Tais mudanças podem ser atribuídas ao estreitamento dos contatos dos moradores com o espaço urbano, à melhoria no poder aquisitivo das famílias com a realização de projetos de manejo de recursos naturais (Alencar e Sousa 2014);

Para ilustrar os argumentos, buscou-se aliar a etnografia com a imagem, adentrando no campo da antropologia visual e da imagem, e contribuir para uma leitura do mundo rural da região amazônica que procura destacar as transformações que emergem do encontro entre o rural e o urbano, e a continuidade do tradicional no moderno.

Os dados aqui apresentados resultam de estudos realizados ao longo de mais de uma década junto a moradores de várias comunidades situadas na região do médio rio Solimões, dentro das RDS Mamirauá e Amanã, estado do Amazonas (Alencar, 2002; 2007; 2010; 2013; Alencar e Sousa, 2012; Alencar et al. 2014; Lima e Alencar, 2000).

O modo tradicional de construção de moradias na várzea

As terras de várzea das RDS Mamirauá e Amanã, região do médio curso do rio Solimões são formadas por planícies inundadas pelas periodicamente pelas águas dos rios configurando momentos conhecidos como enchente, cheia, vazante e seca. O nível dos rios oscila ao longo do ano entre 15m no período da cheia, estação das chuvas, e 8m na estação seca (SCM/CNPq 1996: 13; Ayres, 1996). Nessa região também ocorre uma intensa dinâmica na paisagem associada aos fenômenos como a terra caída e a formação de praias, provocados pelas fortes correntezas dos rios (Alencar, 2002). Como o nível

[6] São telhas fabricadas em fibrocimento pela empresa Brasilit, e que popularmente são referidas apenas como telha Brasilit. O amianto branco (crisotila) usado na sua fabricação foi associado a casos de câncer de pulmão. Esse tipo de telha tem sido substituída por telhas de zinco galvanizado e de alumínio, que são mais leves e de fácil manuseio.

máximo das águas varia de um ano para outro, pode ocorrer que em uma cheia a água não cubra toda a terra, mas em momento as águas cobrem a terra e atingem as casas, causando grandes transtornos à população. Normalmente o nível das águas começa a subir em dezembro[7] e atinge o ponto máximo em maio e junho, quando tem inicio a vazante. Entre os meses de setembro a novembro corresponde à estação seca.

O conhecimento que os moradores possuem sobre esse tipo de ambiente resulta um longo processo de interação com os elementos naturais que lhes permite conhecer o calendário ecológico e as peculiaridades do movimento sazonal das águas dos rios; os ciclos reprodutivos de animais e plantas; e lhes permite planejar estratégias para habitar esse ambiente e criar os lugares; para realizar as atividades de subsistência – agricultura, coleta, extrativismo – e suprir suas necessidades de alimentos. Mas principalmente, para desenvolver um modo de habitar que tem como expressão máxima um tipo particular de arquitetura de construção de casas.

Podemos afirmar que esse estilo arquitetônico tradicional de construção de casas na várzea é o resultado de um longo processo de interação, comunalidade e reciprocidade (Pálsson, 1996; Ingold, 2000) com os elementos naturais que ocorre a partir da apreensão e reelaboração de um sistema de saberes práticos, que permitem aos moradores da várzea explorar a diversidade de situações que se apresentam ao longo do ano. Como destaca Ingold (2000), esse conjunto de saberes e práticas que é repassado de uma geração à outra não existe de forma autônoma em relação ao mundo da vida e da experiência, pois a transmissão e interiorização desse conhecimento enquanto experiência ocorre por meio de atividades práticas que são "os contextos ambientais dentro dos quais as gerações presentes desenvolvem suas próprias habilidades" (Ingold, 2000: 21). Nesse sentido, as mudanças verificadas nos modelos de construção de casas evidenciam os experimentos e também a continuidade de saberes tradicionais no uso de materiais e técnicas de construção.

A literatura do século XIX produzida por naturalistas e por viajantes como Henry Bates (1989) e Paul Marcoy (2001), menciona a existência de um modelo de construção de casas em ambiente de várzea usado por grupos indígenas, cuja arquitetura em estilo palafita era adequada ao tipo de solo e às variações sazonais dos níveis das águas. No inicio do século XX famílias de extrativistas descendentes desses grupos e de

[7] A elevação do nível das águas dos rios após a vazante, entre os meses de setembro e novembro recebe o nome de *repiquete* termo local usado para referir às variações no nível dos rios ao longo do verão, com pequenos pulsos de cheia e vazante (Alencar, 2002 e 2010). Esses eventos naturais são usados como marcadores dos calendários de atividades de pesca e de cultivo de roças.

imigrantes que ocuparam a região para trabalhar no extrativismo da borracha construíam acampamentos, conhecidos como feitorias, erguendo as casas em estilo palafita, com materiais encontrados na floresta e que podiam ser extraídos e manuseados de acordo com as tecnologias que dispunham – machados, facões, enxós [8], serrotes etc. Usavam materiais como a madeira, as palhas e as fibras que podiam resistir aos elementos naturais, sol e chuva, e de fácil manuseio, caso houvesse necessidade de desfazer a casa para ser reconstruída em outro local (Alencar, 2002). Usavam troncos finos de certas árvores para fazer a estrutura da casa, e usavam tábuas de paxiuba (*Socratea exorrhiza*) para fazer o assoalho e as paredes laterais. E na cobertura, usavam folhas da palmeira de nome cauaçu (*Calathea lutea*) ou ubim (*Chamaedorea pauciflora*). Esse tipo de construção, e de materiais, foi mudando à medida que as famílias começaram a fixar residência e a formar as comunidades nos anos 1970, e a introduzir o uso de serra elétrica para cortar os troncos das árvores e fazer tabuas para construir assoalhos e paredes das casas.

Esse modelo de construção de casas em estilo palafita, que ainda pode ser encontrado em várias comunidades da RDS Mamirauá. A madeira usada na construção é escolhida de acordo com o tipo de uso: madeira pesada e dura para fazer as fundações da casa, que são as pilastras ou *barrotes*; madeira considerada leve para fazer a armação da casa, o assoalho, as paredes, janelas e portas [9]. O material usado na cobertura, e que ainda pode ser encontrado em algumas comunidades da RDS Mamirauá, são as folhas de palmeiras tais como a urucurí (*Scheelea phalerata*), o cauaçu (*Calathea lutea*) e ubim (*Chamaedorea pauciflora*), esta última de ocorrência em ambiente de terra firme [10] que além de ser barata não torna a construção pesada. Mas esse tipo de material de cobertura está fortemente associado à ideia de pobreza, tanto pela população local como pelos moradores da área urbana.

[8] É uma ferramenta formada por uma lâmina curva fixada em um cabo de madeira que faz lembrar o formato de uma enxada, mas em tamanho reduzido. É utilizada para trabalhar a madeira, desbastar peças grossas.

[9] Nos modelos tradicionais as casas geralmente não possuíam todas as paredes, e algumas que possuíam paredes externas e divisões internas, não tinham portas ou janelas.

[10] Esse tipo de material produz conforto térmico durante o dia quando faz muito calor, e durante a noite quando a temperatura cai. Contudo, favorece a proliferação de insetos como baratas e escorpiões. A substituição desses materiais por telhas de Brasilit e de zinco gerou grande desconforto para as famílias especialmente durante o dia quando as casas, que possuem o pé direito baixo, ficam muito quentes.

Pesquisas sobre ocupação humana dessa região de várzea (Alencar, 2010) apontam que materiais de construção tais como concreto, tijolos e telhas de barro não são utilizados por várias razões: os custos desse tipo de material são altos, tanto para aquisição quanto para o transporte; e esse material torna a casa pesada e pode desequilibrá-la durante as cheias. O conjunto do material usado na construção de uma casa deve atender alguns requisitos: resistência dos pilares às fortes correntezas durante a cheia; leveza, para evitar que a casa afunde no solo argiloso e arenoso da várzea e que fique torta após as grandes alagações [11].

[11] A consistência da estrutura de uma casa é testada durante uma cheia prolongada quando as correntezas forçam os esteios e cavam o solo ao seu redor. Se, ao final da cheia, a casa estivesse torta era sinal que foi mal construída ou que os materiais utilizados não eram adequados.

Fotos 1 e 2: Casas construídas com madeira e cobertas com palhas de palmeiras de urucuri e ubim. Observa-se que a primeira não possui todas as paredes. A segunda fotografia foi tomada na época da cheia (Créditos: Sebastião Dias/2011).

As casas são construídas de forma paralela ao curso dos rios, igarapés e paranás, e cada família possui seu próprio porto. O local escolhido para construir uma casa deve estar na parte mais alta do terreno, para evitar que ela seja inundada mesmo nas cheias menores. A altura do assoalho em relação ao chão deve ser calculada tendo como referência o nível alcançado pelas águas da ultima grande alagação. Ou seja, sempre quando alguém decide construir uma casa deverá observar a "marca da água" da última alagação grande, para que não seja surpreendido nas próximas cheias do rio. Em média a altura do assoalho de uma casa em uma área de várzea pode ultrapassar 1,5 metros. Contudo, nos últimos anos as famílias estão sendo surpreendidas por grandes alagações e sendo obrigadas a suspender o assoalho das casas ou buscar abrigo na terra firme ou área urbana. O assoalho é refeito tão logo o nível das aguas diminua, como se pode ver nas fotografias abaixo (Foto 3). Esse tipo de construção em palafitas evita que as casas sejam invadidas pelas águas e também por animais como cobras e jacarés, e principalmente por insetos como as várias espécies de formigas.

Foto 3: Família em sua casa na época da cheia. Observa-se que eles suspenderam o assoalho da casa, passando a morar na *cumeeira*, como é denominado esse tipo de residência nessa época do ano. (Créditos: Sebastião Dias/2011).

As casas são construídas a partir da fixação dos pilares de madeira, os barrotes, e em seguida é construída a armação e a cobertura, e por ultimo são colocadas as paredes. Mas uma casa da várzea pode ser habitada tendo apenas o assoalho e a cobertura [12], e com algumas das paredes laterais, geralmente aquelas situadas no lado onde não incidem as fortes chuvas, e que será usado pela família para dormir e guardar seus pertences. Uma família pode habitar uma casa com essas condições durante muitos anos, dependendo do seu poder aquisitivo para adquirir o restante do material para fechar totalmente a casa. Isso significa que grande parte das atividades realizadas pela família será observada pelos demais moradores da localidade, conforme podemos observar na fotografia abaixo.

[12] Esta é uma diferença importante em relação ao modo de construção de uma casa de alvenaria, comuns no contexto urbano, pois esta somente poderá ser coberta e habitada quando todas as paredes estiverem construídas e com piso, portas e janelas devidamente assentados. Prioriza-se assim a privacidade e a segurança.

Foto 4: Casa em construção numa comunidade de várzea da RDS Amanã. Embora a altura tenha sido calculada a partir da marca da ultima cheia, os moradores foram surpreendidos com o nível que a água alcançou na ultima cheia de 2015 (Créditos: ©Edna Alencar/2015).

Apesar do cuidado na escolha da madeira para construir a estrutura principal, os materiais utilizados nas casas da várzea são altamente perecíveis, e o processo de arruinamento ocorre de forma acelerada. Quando uma casa é abandonada rapidamente a floresta se recompõe encobrindo os vestígios de antigos lugares como mostra Alencar (2002). Nesse sentido, os vestígios de uma casa que serviriam de ancora da memória deixam de ser perceptível, mas em seu lugar as pessoas buscam na paisagem outras âncoras para situar o local de um antigo povoado, de uma casa de uma família: são as plantas frutíferas, as palmeiras que nasceram nos locais onde eram depositados os restos de alimentos (Alencar, 2007 e 2013).

Foto 5: Casa em ruínas na RDS Amanã. (Créditos: ©Edna Alencar/2015).

Os espaços de uma casa tradicional da várzea

Uma casa tradicional da várzea, por uma questão financeira, possui um tamanho padrão de oito metros de comprimento por cinco ou seis de largura. Em algumas regiões da RDS Mamirauá é possível encontrar casas que não possuem todas as paredes, e geralmente tem apenas um cômodo principal, que terá várias funções ou usos distintos ao longo do dia: funcionar como sala e local de fazer as refeições durante o dia, e como lugar para dormir à noite; um espaço anexo funciona como cozinha. As casas que possuem mais de um cômodo, um deles servirá como quarto, o espaço onde são colocadas as redes, colchões ou camas e os mosquiteiros [13], e onde são guardadas as roupas da família, geralmente em caixas de papelão, em cômodas (quando a família possui mais recursos financeiros) ou expostas em fio estendidos ao longo de uma parede. Não ter uma cama ou uma rede não impede que essa família possa dormir confortavelmente, pois podem forrar o chão com um lençol e deitar-se sobre ele (Alencar, 2002).

Esse modelo de construção sem espaços de uso individual, como quartos, favorece a interação do grupo familiar, e deste com os vizinhos. O principal espaço de sociabilidade é aquele onde são recebidas as visitas, são realizadas as refeições e se pode encontrar o pote com água para beber, uma prateleira onde estão expostas as panelas de alumínio – sempre muito brilhantes e cuidadosamente organizadas – pratos, xícaras, copos e demais utensílios de uso na cozinha (Foto 6), e também um fogão à gás. Este espaço pode ter todas as paredes ou apenas duas, ou ser separado do espaço onde as pessoas dormem por uma meia parede de madeira. Nesse tipo de construção não comporta a existência de um individuo solitário, característico da modernidade [14]. O indivíduo como mônada, solitário (Elias 1994; Castro 2001), uma invenção da modernidade, não tem lugar nesse tipo de sociedade.

[13] Nas comunidades das RDS Mamirauá e Amanã o mosquiteiro é uma peça importante para proteger as pessoas dos milhares de insetos que infestam a região, principalmente os carapanãs. O mosquiteiro pode também possuir outros significados, como mostra Alencar em estudo realizado na comunidade São João, RDS Mamirauá (Alencar, 2002).

[14] Esse tipo de construção remete aquele encontrado na época feudal. Segundo Celso Castro "não havia, no interior das grandes moradas, espaços previstos para se estar só. Já no início da Renascença começaram a difundir-se na arquitetura das residências, quartos individuais, então uma novidade. Um quarto para cada um: surge um espaço para a solidão no interior mesmo da casa, protegido por portas com trincos e ferrolhos" (Castro, 2001: 3).

Foto 6: Prateleira com objetos de cozinha, onde se destacam as panelas e copos de alumínio. (Créditos: ©Edna Alencar/2014)

Em algumas casas o espaço anexo que abriga o que se convencionou chamar de cozinha geralmente é mais baixo, com uma ou duas paredes. É o local onde a família prepara a comida com o uso de um fogão a lenha ou de fogareiro que queima carvão vegetal [15]. Este espaço pode, ainda, ser usado para fazer algumas refeições, armazenar materiais de trabalho como as redes de pesca, os arpões, caniços e espinheis; materiais de uso no cultivo de roças, e recipientes de plástico contendo água coletada da chuva, usada para beber e preparar os alimentos. Na época da cheia, quando as águas correm por baixo da casa, esse espaço também é usado para lavar os utensílios da cozinha, as roupas da família e para tomar banho.

Nas casas mais simples de algumas comunidades situadas mais distantes dos centros urbanos poucas famílias dispõem de mesa e de cadeiras onde podem sentar-se para realizar as refeições ou de camas para dormir. Como o uso de redes exige que a família tenha vários mosquiteiros e mais espaço nas casas, elas dormem embaixo de um único mosquiteiro, para se proteger dos carapanãs, e forram o assoalho com redes que não servem mais para deitar, com roupas da família que estão lavadas, com lençóis ou colchas [16] (Alencar, 2002). O forro serve para impedir a entrada de carapanãs no mosquiteiro, pelas frestas do assoalho. Em algumas áreas da RDS Mamirauá ainda é

[15] Na várzea as famílias mesmo tendo o fogão a gás, também possuem um fogareiro que é usado para assar o peixe ou cozer alimentos quando não tiver o gás.
[16] Atualmente as famílias compram colchas de microfibra, que além de ser acessíveis ao seu orçamento, também aquecem e são fáceis de lavar e secar.

possível encontrar famílias que utilizam o tupé [17], para deitar durante o dia e à noite. Assim, o assoalho tem várias funções: serve para manter as pessoas protegidas dos animais, das águas no período das cheias; como local para fazer as refeições da família e como local de descanso, após as refeições. Nas horas mais quentes do dia é possível encontrar as pessoas deitadas sobre o assoalho das casas fazendo a sesta, conversando enquanto aguardam o sol esfriar.

Foto 7: Sala de uma casa, onde se observa o pote contendo agua para beber e recipientes de plástico onde a família armazena farinha de mandioca. O assoalho é local onde senta-se para fazer as refeições, para descansar e descansar (Créditos: ©Edna Alencar/2007).

Foto 8: O espaço de sociabilidade de uma casa é também local onde está o pote com a água para consumo, onde as pessoas sentam-se para fazer as refeições ou deitam-se para descansar durante o dia ou dormir durante a noite. (Créditos: Sebastião Dias/2011)

[17] Esteira tecida com talos de arumã (*Ischnosiphon polyphyllus)* ou cauaçu (*Calathea lutea*).

Esse tipo de uso desse espaço da casa permite uma intensa interação entre as pessoas que ocorre desde o momento que acordam até a hora de dormir. Talvez o momento de maior interação seja durante as refeições, realizadas sempre de forma coletiva com as pessoas sentadas sobre o assoalho[18], formando um grande círculo que tem ao centro as panelas e demais recipientes contendo o alimento, que pode ser peixe assado ou cozido, carne de caça ou frango, um recipiente com sal, limão e pimenta, e outros com farinha de mandioca. Num circulo mais aberto são colocados os pratos com os talheres, geralmente apenas uma colher, e uma vasilha para depositar os ossos do peixe.

A disposição das pessoas em um círculo permite o contato visual e favorece a interação de todos. Esses momentos servem para atualizar as notícias, ou tomar decisões sobre trabalhos a serem realizados pelos membros da família. As mães e os pais interagem mais intensamente com os filhos, especialmente as crianças pequenas que se sentam no colo das mães e são por elas alimentadas. A atenção maior é dirigida aos filhos pequenos que ainda não possuem autonomia para se alimentar sozinhos elas partilham com as mães o mesmo prato, ou com os irmãos maiores. Esse modo de interação reforça um valor central nesse tipo de sociedade onde o indivíduo solitário não tem lugar. Aqui as ações são coletivas, desde o trabalho na pesca e na roça, até o momento de se alimentar e dormir, reforçando os laços sociais e afetivos que unem os indivíduos que formam a família.

Foto 9: Cena de uma refeição em uma casa da várzea. Ao centro está a panela com o peixe e os recipientes com farinha de mandioca. As crianças são servidas após os adultos (Créditos: Sebastião Dias/2011).

[18] Mesmo nas casas mais modernas onde existem mesas e cadeiras ainda se faz uso desse espaço para fazer as refeições especialmente quando há crianças pequenas.

As casas são construídas de forma paralela ao rio e cada família possui seu próprio porto, onde ancora canoas e barcos, e constrói uma balsa de toras de madeira e tábua que será usada para armazenar materiais de pesca, lavar roupas e utensílios de cozinha e para tomar banho. As casas não possuem cercas separando os quintais e isso permite que elas possam ser acessadas pela parte da frente ou dos fundos. Essa distribuição espacial das casas reforça a interação entre as pessoas e todos podem observar o que os outros estão fazendo. O controle social é intenso, sabe-se tudo sobre a vida de todos. E quando se deslocam nas canoas, os demais moradores geralmente sabem o destino e os motivos desse deslocamento.

O moderno e o tradicional nas casas da várzea

Neste tópico mostraremos as mudanças nos materiais e modos de construção de casas na várzea, destacando como os materiais de construção encontrados no meio urbano estão cada vez mais presentes no meio rural. Essa modernização ocorre com a continuidade do modelo tradicional de construção de casas, ou seja, o estilo palafita e utilização de materiais como a madeira, e a localização das casas de forma paralela ao curso dos rios, igarapés e paranás, e com portos de embarque e desembarque.

Uma mudança importante encontrada nas casas mais modernas é a presença de divisões internas, como salas, quartos com portas, cozinha interna, banheiro apenas com vaso sanitário; janelas e portas. Algumas casas possuem telas nas janelas, portas e teto, para impedir a entrada de mosquitos durante o dia e a noite; pequenas varandas situadas na parte frontal ou em uma das laterais, e pintura na parte interna e externa. O uso de varandas e de banheiros internos é uma inovação das casas mais modernas e reflete o poder aquisitivo das famílias (Moura et al. 2016).

Os quartos são equipados com camas, armários, cômodas, e na sala existem sofás, aparelhos de som com boa potência, televisão com mais de 30 polegadas, antena parabólica, e ventiladores. As cozinhas são equipadas com fogão a gás, freezer e eletrodomésticos como máquina de lavar roupas; algumas possuem uma pia com bancada para lavar utensílios e preparar alimentos e uma mesa com cadeiras onde a família faz algumas refeições. Algumas casas possuem seu próprio gerador de eletricidade, o que permite assistir programas de TV em qualquer horário. Apesar dessas

mudanças, ainda são conservados certos costumes como sentar-se no assoalho para fazer as refeições, ou deitar-se para assistir televisão e dormir durante o dia.

As casas mais modernas que estão sendo construídas no espaço rural da várzea procuram copiar o estilo arquitetônico da área urbana, tais como o uso de dois pavimentos, de telhados em duas águas arrematados com beirais, e acabamentos frontais com pequenos detalhes, como se pode ver nas fotografias abaixo (Fotos 10 e 11). Essa presença do urbano no mundo rural da várzea é uma demonstração de que essas pessoas estão melhorando seu poder aquisitivo e, principalmente, que têm como projeto continuar residindo nesse tipo de ambiente, inclusive mantendo uma dupla residência como mostram estudos realizados por pesquisadores do Instituto Mamirauá (Moura, 2007; Moura et al. 2016). Em algumas localidades é possível perceber que as casas dos ribeirinhos são melhores equipadas em termos de infraestrutura e equipamentos eletroeletrônicos do que a de muitas famílias que residem no espaço urbano.

Fotos 10 e 11: Casas modernas com telhado em duas águas, varandas frontais ou laterais; com divisão interna que inclui quartos individuais; com pintura interna e externa, e pequenos detalhes no acabamento como beirais, e frontais. Estão construídas sobre a terra, mas foram inundadas na grande cheia de 2015. (Crédito: © Edna Alencar/2015).

Politicas públicas e inovações na arquitetura: as casas do INCRA

Nesse tópico falaremos sobre as políticas públicas de construção de habitações na área rural, tomando como exemplo casas construídas a partir do programa de construção de moradias desenvolvido pelo INCRA para famílias para famílias de extrativistas que residem em Unidades de Conservação do estado do Amazonas [19].

O exemplo apresentado aqui diz respeito às casas construídas para famílias que residem na comunidade Manacabí localizada na RDS Amanã. Ao longo de várias décadas os moradores de Manacabí convivem com o desmoronamento das terras fenômeno esse que as obrigam a realizar um deslocamento constante no espaço, e que é recorrente em outras áreas das RDS Mamirauá e Amanã, como mostrou Alencar (2002; 2010; 2013). O povoado foi erguido no local atual há menos de 10 anos e a terra caída ameaça derrubar as casas que estão situadas às margens do rio Japurá. Uma particularidade desse povoado é o fato das casas serem construídas de forma

[19] O INCRA reconheceu os moradores das RDS Mamirauá e Amanã como beneficiários do programa de habitação desenvolvidos por esse órgão destinado às famílias de assentados tradicionais dentro do programa de Reforma Agrária (http://www.incra.gov.br/credito-instalacao). Para isso firmou parceria com o governo do Amazonas, através da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável (SDS), para a construção de casas em cinco Unidades de Conservação estaduais do tipo RDS (Reservas de Desenvolvimento Sustentáveis).

perpendicular ao rio, como uma estratégia para evitar que sejam afetadas pela terra caída.

O projeto arquitetônico das casas não observou as particularidades culturais que caracterizam o modo como essas famílias habitam esse tipo de ambiente, ao rejeitar os modelos tradicionais de construção de casas, e os tipos de usos que os moradores fazem delas. Além disso, o tipo de material utilizado é inadequado para esse tipo de ambiente, onde o solo arenoso e argiloso impede que se tenha estabilidade desse tipo de construção, e não observou as particularidades do terreno onde o povoado está localizado que registra a ocorrência da terra caída.

As casas foram erguidas diretamente sobre o solo, sem nenhuma fundação (Fotos 12 e 13), com uso de tijolos de cimento e cobertura com telhas de amianto. O piso utilizou cimento cru, que foi pintado com tinta vermelha. Esse tipo de construção apresenta vários problemas para os moradores. Um deles é o fato do piso de cimento estar sempre úmido ou "suado", e isso impede os moradores de fazer os usos costumeiros de suas casas tradicionais como usar o assoalho para sentar, deitar para descansar ou dormir, ou fazer outras atividades. Outro problema identificado nesse tipo de construção refere-se à maneira como foi realizada a divisão do espaço. As casas estão divididas em pequenos cômodos sendo dois quartos, um cômodo grande que funciona como sala e cozinha, e um pequeno banheiro com vaso sanitário e chuveiro. O tamanho dos quartos comporta apenas uma cama e não permite que sejam armadas várias redes. Como as pessoas não podem dormir sobre o chão, e precisam comprar redes e mosquiteiros para abrigar todos os membros da família, passam a ter problemas com a distribuição dos membros na hora de dormir.

Fotos 12 e 13: Casas sendo construídas diretamente sobre o solo arenoso da várzea, sem fundação ou estrutura de ferro para suportar o peso do telhado. (Créditos: Rodrigo Tawada/2011).

Para os moradores a ausência de pilares para apoiar as casas torna os moradores mais vulneráveis na época das cheias quando ocorrem as inundações. As famílias sabem que terão prejuízos na época da cheia quando as aguas invadem suas casas destruindo os móveis, camas, armários. Para evitar que isso aconteça, elas mantem a outra casa, para onde podem transportar seus pertences na época da cheia. Há ainda o risco de após uma cheia prolongada a casa venha a desmoronar ou ser levada pela terra caída.

Na época da cheia, além da agua invadir a casa, há também riscos de ataques de animais que nessa época do ano buscam abrigo e alimento nas casas, como jacarés, cobras - especialmente a sucuri que se aproxima das casas para atacar animais domésticos. Contudo, nesse tipo de casa essas ameaças acontecem durante todo o ano pelo fato de não existir barreiras entre os moradores e os animais. Nas casas tradicionais, construídas sobre palafitas, é possível controlar o acesso de animais, seja colocando algum tipo de produto nos esteios ou jogando água fervente.

Foto 14: Casa de alvenaria inundada na época da cheia. Os moradores estão abrigados numa casa de madeira ao lado (Créditos: Sebastião Dias/2011).

O fato das casas serem diretamente assentadas sobre o solo deixa evidente o grande equívoco dos arquitetos ou engenheiros que planejaram as casas. Nas fotografias abaixo, onde aparecem as casas modernas, do mundo urbano, ao lado das casas tradicionais construídas sobre palafitas de madeira, é possível observar que apesar destas ultimas terem sido construídas a uma altura de 1m a 1,5 metros, elas foram tomadas pelas aguas nas últimas cheias, como está evidenciado na marca que a água fez na madeira das paredes.

Assim, o sonho de ter uma casa de alvenaria e que pudessem ter uma longa duração, tornou-se um pesadelo para os moradores de Manacabí e de outros povoados das RDS Amanã e Mamirauá. Muitos continuam a residir na casa antiga e usam a nova para guardar material de trabalho durante o período da seca. Aqueles que insistem em morar nas novas casas mudam para a casa antiga no inverno quando ocorre a cheia.

Foto 15: Nesta foto pode-se observar na faixa azul a marca que sinaliza a altura da água na última cheia, e que o assoalho foi coberto pela água. Ao lado está a casa construída pelo INCRA, assentada diretamente sobre o solo úmido da várzea. (Créditos: Isabel Sousa/2011).

As casas flutuantes: inovar para permanecer

As áreas de várzeas do Médio Solimões vêm sendo ocupadas como local de moradia há muitos séculos. A sazonalidade característica deste tipo de ambiente, onde predominam as frequentes alagações que destroem plantações e casas têm chamado a atenção de estudiosos que buscam compreender a relação das populações com este tipo de ambiente (Fraxe, 2000; Lima e Alencar, 2000; Alencar, 2002).

Em áreas onde a terra é baixa, as inundações são frequentes e causam prejuízos às famílias que tem suas casas constantemente invadidas pelas águas, mesmo sendo construídas numa altura de mais de um metro acima do solo, como destacado anteriormente. A decisão dessas famílias de continuar residindo num tipo de ambiente onde sofrem com as constantes alagações e com a terra caída é fortemente criticada pelos gestores municipais [20]. A falta de políticas públicas em termos de infraestrutura comunitária e condições de comercialização da produção são fatores que limitam, mas não impedem que as pessoas continuem morando na várzea.

[20] No inicio dos anos 2000 foi realizado um grande estudo para elaborar um diagnóstico sociombiental das várzeas dos rios Solimões e Amazonas (Lima, 2005; Alencar, 2005) que apontou para as condições de trabalho e moradia na várzea. O estudo concluiu, dentre outras coisas, que os habitantes consideram a várzea como um lugar bom para morar, especialmente pela grande oferta de recursos extrativos, e apontam a falta de politicas publicas na área de infraestrutura de comercio para escoar sua produção, a falta de saneamento básico, a dificuldade de ter acesso à educação formal e atendimento à saúde.

Fotos 16 e 17: Casas em uma comunidade da RDS Mamirauá em dois momentos: no inicio e no auge da cheia do rio. Na segundo foto a terceira casa não aparece. Os donos desmontaram e reconstruíram como casa flutuante. (Créditos: ©Edna Alencar/2015).

Para superar as dificuldades causadas pelas cheias cada vez mais frequentes e que danificam as casas, algumas famílias estão optando por construir casas flutuantes, como é o caso da comunidade Boca do Guedes, situada na RDS Mamirauá, onde todas as casas são flutuantes, e da comunidade Porto Alegre, situada na área do entorno dessa UC, onde várias famílias estão construindo casas flutuantes, diante das frequentes perdas materiais sofridas após três grandes cheias consecutivas (Fotos 18 e 19).

Foto 18: Comunidade Boca do Guedes, onde todas as casas são flutuantes, apropriadas para áreas de várzea, construídas com técnicas desenvolvidas pelos moradores da região (Créditos: Sebastião Dias/2014).

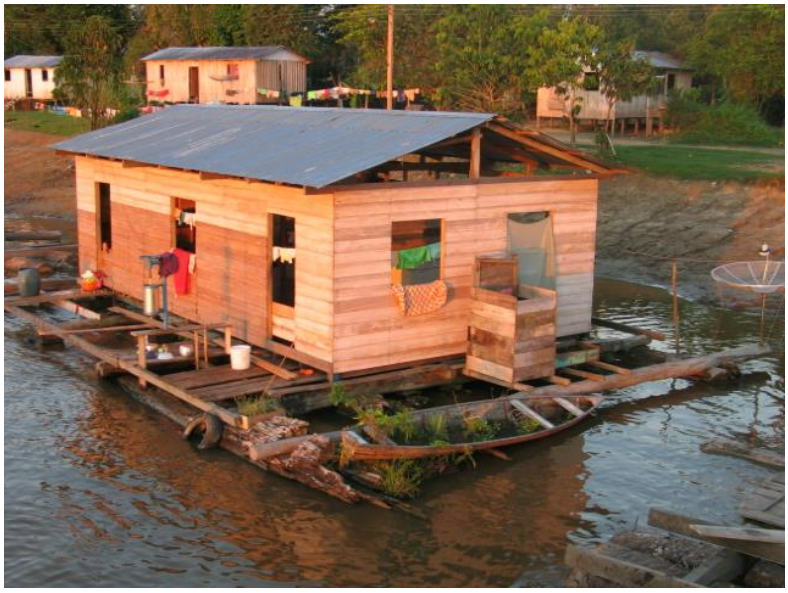

Foto 19: Casa flutuante ainda em construção. Comunidade Porto Alegre. (Créditos: ©Edna Alencar/2014).

As casas flutuantes é um tipo de moradia muito usada pelos índios Paumari que habitam as várzeas do rio Purus e que realizam uma mobilidade constante dentro de um território formado por nichos ecológicos que são usados pelos Paumari para sua subsistência (Schröder, 2002). Até os anos 1970, era possível encontrar na região do Auati-Paraná [21], famílias que realizavam a extração e a coleta de certos recursos naturais

[21] Um curso de agua que sai do rio Solimões e desagua no rio Japurá, a altura da cidade de Maraã, estado do Amazonas. Ele demarca os limites da RDS Mamirauá.

para sua subsistência, que tinham como residência casas flutuantes, chamadas de jangadas, e à semelhança dos Paumari realizavam uma migração sazonal entre várias áreas extrativas, como mostram Alencar e Sousa (2012) e Alencar et al. (2014).

Nos últimos quinze anos observa-se o aumento do numero de casas flutuantes em várias comunidades das RDS Mamirauá, sendo que é mais recorrente em áreas onde há a ocorrência de terra caída (Alencar, 2002) ou em áreas onde a terra é muito baixa, e as casas são mais vulneráveis ás inundações. Como são áreas que estão próximas a nichos ecológicos importantes, como lagos com recursos pesqueiros em abundância, ou espécies de madeira nobre, as famílias adotam varias estratégias para continuar residindo nesses lugares. E uma delas é a construção de casas flutuantes.

Contudo existem aspectos positivos e também negativos em relação a este tipo de moradia. A opção por morar neste tipo de casa depende do poder aquisitivo da família porque ela precisará investir recursos na extração ou compra de materiais que normalmente não utiliza numa casa construída em terra, como as vigas e as boias, feitas de madeira como o assacu (*Hura crepitans L.*) que é encontrada na várzea, e possui grande capacidade de flutuação. Até os anos 1980 essa madeira era muito usada por extratores de madeira para construir as jangadas usadas para realizar o transporte das toras de madeira. Outra limitação diz respeito aos custos com a manutenção e a perecibilidade dos materiais, como as boias, pois quando deterioradas, a casa como um todo afundará.

Os donos precisam estar atentos ao movimento de subida e descida das águas, para evitar que a casa, ou flutuante, fique encalhado. Para isso ela deve verificar com muita frequência a amarração dos cabos que mantem o flutuante preso à alguma árvore em terra, pois caso eles se soltem o flutuante será levado pelas águas. Esse risco é maior quando ocorre um forte temporal. Na época do verão, quando as águas atingem o nível mais baixo, elas encontram dificuldades para subir o barranco com mais de 10 metros de altura, para visitar parentes que residem em casas construídas na terra ou trabalhar no roçado. Outra dificuldade que uma família enfrenta está relacionada à segurança das crianças pequenas, que podem cair na água e se afogarem. Para evitar que isso aconteça são colocados pequenos cercados nas portas, à altura de uns 50 a 60 cm, e todos da família estão sempre atentos. Os riscos à segurança da família também se deve à presença de animais como jacarés ou cobras, especialmente as sucuris, que podem atacar as pessoas ou animais domésticos, principalmente crianças e cachorros.

Outras adequações que as famílias precisam fazer ao morar em uma casa flutuante, uma delas é com relação ao cultivo de plantas e hortaliças. Para isso elas tendem a improvisar seus canteiros usando canoas que não tem mais serventia para navegar, ou fabricando caixotes de madeira (Foto 20).

Dentre as vantagens apontadas pelas famílias que residem em casas flutuantes está a segurança de não ser afetada pelas cheias dos rios, e ter seus bens destruídos pelas aguas. E também podem mover suas casas de um local para outro quando sentir que a terra esta desmoronando. Cientes disso elas podem investir na compra de móveis, de eletrodomésticos e na infraestrutura da casa, como a colocação de telas nas janelas e de forros com laminas de PVC. Atualmente é possível encontrar na RDS Mamirauá casas flutuantes onde os moradores instalaram aparelhos de ar condicionados nos quartos.

Foto 20: Canteiro e parte da cozinha de uma casa flutuante. (Créditos: Sebastião Dias/2014).

A criação de pequenos animais também é um desafio para as poucas famílias que ainda insistem em criar porcos e gado branco. A construção de casas flutuantes para esses animais, como as *marombas* (Foto 21) é uma evidência de que as pessoas continuam utilizando técnicas seculares de construção na várzea, apenas fazendo as adequações quanto ao tipo de material utilizado. Durante o tempo em que os animais estão presos na maromba, como o gado, seus donos precisam cortar capim para alimenta-los, e estar sempre atento aos ataques de cobras, como a sucurijú (*Eunectes murinus*).

Foto 21: Maromba construída para abrigar gado branco na comunidade Porto Alegre, RDS Mamirauá. (Créditos: ©Edna Alencar 2015)

Conclusões

Neste artigo mostrou-se como o saber sobre o ambiente, resultado de experiência acumulada e transmitida ao longo de várias gerações fornece aos atuais habitantes da várzea as ferramentas cognitivas que os ajudam a elaborar os cálculos necessários para habitar nesse tipo de ambiente. Tendo como referência o modo de construção de suas moradias procurou-se mostrar como eles recorrem a pressupostos e práticas que são permanentemente atualizadas e adequadas às necessidades que se apresentam tais como as mudanças na temporalidade da sazonalidade, e no ambiente, caracterizadas por grandes cheias e secas prolongadas dos rios, pela introdução de novos materiais ou pela imposição de outros modelos de construção.

O modo tradicional de construção de casas na várzea é resultado de experimentos e processos de adequação às características do ambiente, que observa as peculiaridades das variações sazonais com períodos de cheia e de seca dos rios; do tipo de solo onde a destruição dos terrenos no fenômeno conhecido como terra caída obriga os moradores a desfazer suas casas e reconstruir em outros locais. Os materiais utilizados, de curta duração e de fácil reposição, são adequados para enfrentar os fenômenos ambientais como a terra caída e as grandes inundações que estão associadas a perdas materiais.

A arquitetura das casas tradicionais apresenta uma estrutura simples, construída sobre palafitas, sem poucas divisões internas, e com uso de materiais obtidos no próprio ambiente, tais como madeira para construir paredes e palhas para fazer a cobertura. São materiais que permitem praticidade no manuseio, conforto térmico, porém, de grande perecibilidade.

Os modelos mais modernos de casas conservam alguns elementos arquitetônicos dos modelos tradicionais, como o uso de palafitas e de madeira, mas foram introduzidas algumas mudanças no desenho das casas como o aumento do tamanho, a presença de divisões internas, de varandas, cozinha integrada e banheiro interno; o uso de materiais como PVC, de telhas de *Brasilit*, de alumio ou zinco galvanizado, e de pintura na parte externa e interna. As mudanças também se fazem presente nos equipamentos encontrados nas casas, como eletrodomésticos, móveis de quarto, de sala e de cozinha. Essas mudanças estão associadas às trocas realizadas com o mundo urbano, e também à melhoria no poder aquisitivo das famílias.

Algumas mudanças foram estimuladas por politicas publicas de construção de casas para famílias que residem em Unidades de Conservação tipo RDS, como o projeto de habitação do INCRA, que introduziu mudanças nos projetos arquitetônicos das casas, e nos materiais utilizados. Porem, este projeto não observou as características do ambiente de várzea, cuja sazonalidade comporta eventos de cheias que inundam as casas, exigindo que sejam construídas sobre palafitas. O modelo apresentado pelo INCRA encontrou resistência por não estar adequado aos eventos climáticos que tem ocorridos com mais frequência caracterizados por grandes alagações, e pela duração do tempo da inundação. A ocorrência desses eventos em curto espaço de tempo está levando os moradores de várias comunidades das RDS Mamirauá e Amanã a adotarem, cada vez mais, outros modelos arquitetônicos de construção de casas, como as casas flutuantes para evitar a constante mobilidade e destruição das casas.

As casas flutuantes são exemplos de alternativas de construção de casa para ambiente de várzea que já era conhecido pelos moradores, mas ainda não era muito usado devido os custos financeiros desse tipo de construção serem altos por necessitar de materiais mais resistentes e mais caros. Portanto, a opção de construir uma casa flutuante depende do poder aquisitivo das famílias.

Nos últimos anos o crescimento do número de casas flutuantes em comunidades das várzeas das RDS Mamirauá e Amanã aponta para um fato importante, a opção das famílias de continuarem morando na zona rural, e nesse tipo de ambiente. Também aponta para uma melhoria no poder aquisitivo das famílias e na adoção de novas estratégias de convivência com a imprevisibilidade do ambiente expressa nos eventos de cheias repentinas e de secas prolongadas dos rios. Contudo, esta prática tem repercussões na sociabilidade dos grupos sociais, uma vez que altera a forma como se dá o acesso às residências, e de interagir o espaço terrestre.

Ao apresentar descrições etnográficas dos modelos arquitetônicos de construção das casas da várzea, o objetivo desse artigo foi mostrar que essa arquitetura envolve esquemas conceituais e processos cognitivos de interação com o ambiente, desde a escolha do local até a seleção dos materiais que eram encontrados na floresta. Esse modelo de construção reflete o modo de vida que as famílias desenvolveram, suas formas de sociabilidade presente nos tipos de uso de cada cômodo da casa. Mostrar como o estreitamento da relação entre o rural e o urbano está afetando o modo de viver e habitar na várzea, especialmente com a facilidade de deslocamento, com a adoção de inovações nas tecnologias sociais de construção de casas e de acesso a produtos eletroeletrônicos. Cada vez mais esse contínuo campo-cidade passa a fazer parte da realidade de milhares de famílias que residem na várzea e, ao mesmo tempo, as famílias que migram para a área urbana tendem a manter os usos e costumes do mundo rural, particularmente no que diz respeito ao tipo de arquitetura e materiais usados para a construção das casas na cidade, que merece um estudo detalhado no futuro.

A relação estreita entre homem e natureza historicamente orientada por saberes e práticas, permitiu a continuidade de uma forma de habitar em ambiente de várzea inundada. O reconhecimento dessas construções como patrimônio cultural material e imaterial pelos elaboradores de políticas públicas contribuiria para reconhecer os moradores da várzea como detentores de um saber cujo percurso histórico comporta experimentos, erros e acertos. Eles dão continuidade a uma memória sobre as práticas culturais e formas de interação com o ambiente de várzea, mas que corre o risco de desaparecer com a introdução de novos materiais e técnicas de construção.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Cientifico e Tecnológico – CNPq (Processo No 181477/2010-4) e ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM-OS/MCT pelo apoio financeiro na realização da pesquisa; aos moradores das comunidades das RDS Mamirauá e Amanã com as quais convivemos durante nossas pesquisas, e cujas casas e modos de viver na várzea estão retratados aqui.

Referências

ALENCAR, Edna F., SOUSA, Isabel S., GONCALVES, Ana Claudia. Modos de Interação com o Ambiente e Estratégias de Subsistência dos Moradores da Várzea do Rio Japurá (AM). *Fragmentos de Cultura* (Online). , v.24 N 2, p.303 - 317, 2014.

ALENCAR, Edna. F. Nesse tempo existia essas ilhas por ali": sobre modos de perceber o ambiente e narrar o passado. *Iluminuras* (Porto Alegre). , v.14, p.11 - 32, 2013.

ALENCAR, E. F. e SOUSA, I. S., *Mapeamento territorial e diagnóstico socioambiental de comunidades rurais situadas nas RDS Amanã e Mamirauá, Am. Relatório Técnico*. Projeto de Pesquisa. Tefé. 2012.

ALENCAR, Edna F. *Memórias de Mamirauá*. Belém; IDSM/MCT. 2010.

_____. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. *Teoria & Pesquisa*. V. XVI, p.43 - 56, 2007.

_____. *Terra caída: encante, lugares e identidades*. Brasília, 2002. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. Brasília, 2002.

ALENCAR, Edna F. Políticas públicas e (in)sustentabilidade social: o caso de comunidades da várzea do Alto Solimões, Amazonas. In: *Diversidade Socioambiental nas várzeas do rios Amazonas e Solimões:perspectivas para o Desenvolvimento da Sustentabilidade*.1a Ed.Manaus: IBAMA / ProVárzea, p. 59-100, 2005.

AYRES, José Márcio. *As matas de várzea de Mamirauá*. Sociedade Civil Mamirauá/SCM-MCT/CNPq. Brasília. 1996.

AYRES, José Márcio., MOURA, Edil F., LIMA-AYRES, Deborah de M. Estação Ecológica de Mamirauá: o desafio de preservar a várzea na Amazônia. In: *Trópico em Movimento: alternativas contra a pobreza e a destruição ambiental no trópico úmido*. Belém: UFPa, POEMA. 1994.

BATES, Henry Water, *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1989.

CASTRO, Celso. Homo solitarius: notas sobre a gênese da solidão moderna. *Interseções*. Rev. de Est. Interdisciplinares, Rio de Janeiro, v.3, nº 1, p.79-90, jan./jun. 2001.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Relações e dissensões entre os saberes tradicionais e o saber científico. *REVISTA USP*, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro, 2007.

DESCOLA, Philippe. Constructing natures: symbolic ecology and social practice. In: DESCOLA, Philippe. e PÁLSSON, Gísli (Orgs.). *Nature and society: anthropological perspectives*. Londres; Routledge: 82-102. 1996.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

FRAXE, Therezinha. *Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. São Paulo, Anablume; Fortaleza: SECULT, p. 192, 2000.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

_____. *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling anda skil*. London:Routledge, 2000.

LIMA, Deborah de M. *Diversidade Socioambiental nas várzeas do rios Amazonas e Solimões:perspectivas para o Desenvolvimento da Sustentabilidade.*1a Ed. Manaus: IBAMA / ProVárzea, 2005.

LIMA, Deborah de M. & ALENCAR, Edna F. Histórico da ocupação humana e mobilidade geográfica de assentamentos na várzea do médio Solimões, AM. In Haroldo Torres e Heloisa Costa (Orgs.) *População e Meio Ambiente: debates e desafios.* São Paulo: Editora SENAC São Paulo. 2000.

MARCOY, Paul. *Viagem pelo Rio Amazonas*. EDUA-UFAM. Manaus, Amazonas, p. 313, 2001.

MOURA, Edila A. F.; NASCIMENTO, Ana Claudeise do; CORRÊA, Dávila S.; ALENCAR, Edna F.; SOUSA, Isabel S. de. *Sociodemografia da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá: 2001-2011*. Tefé, AM: IDSM; Belém: NAEA, p. 350.: il 2016.

MOURA, Edila A. F. *Práticas socioambientais na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá estado do Amazonas, Brasil*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, p. 314, 2007.

PÁLSSON, Gísli. Human-enviromental relations: orientalismo, paternais and comunalism. IN: Descola, Philippe e Pálsson, Gísli. (org.). *Nature and society: anthropological perspectives*. Londres; Routledge: 63-81. 1996.

PORRO, Antônio. *O povo das águas: ensaio de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes /EDUSP. 1996.

SCM/CNPq/MCT- Mamirauá: Plano de Manejo. Brasília, SCM/CNPq/MCT. Manaus: IPAAM, p. 96, 1996.

SCHRÖDER, Peter. "Levantamento etnoecológico: experiências na região do Médio Purus". In: GRAMKOW, Márcia Maria (Org.). *Demarcando terras indígenas II: experiências e desafios de um projeto de parceria*. Brasília: Funai/PPTAL/GTZ, p. 223-239, 2002.

Recebido em: 02/11/2015.
Aprovado em: 28/03/2016.